

Achilina di Enrico Bo | Delfim Fernandes Amorim | Diógenes de Almeida Rebouças | João Batista Vilanova Artigas

A Revista Docomomo Brasil chega ao seu terceiro número com uma proposta distinta do que vinha sendo apresentado nas duas primeiras edições. Enquanto os números 1 e 2 tratam da compilação de trabalhos dos últimos seminários nacionais (11º e 12º seminários DOCOMOMO Brasil), sendo estruturados segundo as linhas de investigação mais caras à nossa rede de pesquisa - a reflexão sobre os arquivos e documentos da produção arquitetônica moderna e a discussão crítica sobre as ações de conservação sobre os bens existentes - este número toma como eixo condutor a contribuição de figuras capitais da arquitetura do século XX no Brasil.

Os últimos cinco anos foram datas de registro dos centenários de alguns dos nossos mais destacados arquitetos do século XX - Lina Bo Bardi, Diógenes Rebouças, Vilanova Artigas e Delfim Amorim. Os dois primeiros nasceram em 1914; Vilanova veio um ano depois, em 1915; e Delfim, mais novo, em 1917. Ao longo desse período, eventos comemorativos, exposições, seminários e principalmente publicações, dentro e fora do país, foram dedicados aos arquitetos, individualmente.

Merece ser somado a este conjunto de atividades, o significativo aumento do número de pesquisas sobre os integrantes do quarteto, fato que se coaduna ao aumento expressivo de programas de pós-graduação nos diferentes estados da federação e também a ações realizadas em programas de doutoramento em universidades estrangeiras. Portanto, pode-se dizer que o centenário dessa geração foi marcado por um fenômeno curatorial, editorial e acadêmico que alçou a volumosa e talentosa produção a patamares internacionais antes só alcançados por Oscar Niemeyer Soares Filho - um centenário já na década anterior.

Por conta desse importante conjunto da geração dos anos 1910, decidimos elaborar esta edição ainda antes que esta segunda década do século XXI se encerre.

Sem dúvida, esse duplo fenômeno foi decisivo e explica aspectos fundamentais que sustentam as decisões editoriais assumidas por nós. Não faria sentido desenharmos uma edição da revista que fosse somente um resumo sintético do que foi feito e produzido sobre os arquitetos nestes últimos anos. Em direção oposta, duas estratégias dirigiram a edição.

A primeira foi considerar a obviedade de que os quatro fizeram parte de uma mesma geração importante de arquitetos atuantes no Brasil e que começou a atuar profissionalmente nos anos 1930/1940 - que iniciaram seus estudos ou suas trajetórias profissionais influenciados pela arquitetura acadêmica ou eclética, em um ambiente de desconfiança quanto às transformações estéticas em curso naquele momento, apesar da presença de modernos de primeira linha no ambiente acadêmico - como Carlos Ramos, na Escola de Belas Artes do Porto, figura capital na formação de Delfim Amorim, por exemplo.

O exercício e aprendizado do projeto moderno não se deu na sala de aula, mas na prancheta dos seus escritórios, folheando revistas, nas discussões entre pares e, muitas vezes, reunidos em associações culturais e profissionais, percorrendo e se impregnando da cidade, testando soluções e se apropriando de uma modernidade alheia às suas vizinhanças, no afã de convertê-la em própria.

Conforme o país se transformava e o gosto vigente se alterava em direção ao que conhecemos como arquitetura moderna, essa geração passou, pouco a pouco, a ocupar lugares de destaque, "instâncias de legitimação": as páginas de periódicos nacionais e internacionais, seja como editores (Lina Bo Bardi) ou autores de artigos e projetos publicados; os bancos das salas de aula (Amorim, Artigas e Rebouças), cumprindo o papel capital de formação de novas gerações de arquitetos plenamente engajados na consolidação de uma linguagem arquitetônica inovadora e na reflexão sobre as contradições que a modernização do país lhes apresentava; a participação ativa em associações profissionais (Amorim, Artigas); ou a atuação em órgãos públicos de planejamento e projeto (Lina Bo Bardi, Rebouças).

Os quatro faleceram depois dos anos 1970, não sem antes vivenciar, ao longo de praticamente todo o século 20, as diferentes etapas de construção, dispersão e consolidação de ideias: foram seduzidos pelas vanguardas europeias por meio das imagens publicadas nas revistas que tiveram acesso na Itália, em Portugal e no Brasil, ou influenciados pelo fenômeno que ficou conhecido como Escola Carioca, amplamente divulgado por meio de periódicos internacionais; buscaram entrelaçar tradição e modernização e trataram o clima local onde atuaram com atenção; experimentaram as potencialidades plásticas do concreto aparente e tensionaram suas possibilidades estruturais, enfrentando as contradi-

ções inerentes à introdução de arranjos espaciais dissonantes com as peculiaridades das lógicas sociais dominantes nas regiões nas quais atuaram.

Foi uma geração produtiva que participou na linha de frente de um projeto de nação nos respectivos países de origem e, de forma particular, no Brasil. Ou, como sugere Silvia Arango, estendendo o termo para toda a América Latina, uma geração técnica, marcada “por el optimismo que produce la convicción de que los problemas de gran escala se pueden solucionar con ingenio técnico”, na qual a autora inclui, entre outros, arquitetos como o argentino Amancio Williams (1913-1989), o chileno Alberto Cruz Covarrubias (1917- 2013), o cubano Max Borges y Recio (1918-2009), os porto-riquenhos Osvaldo Toro (1914–1995) e Miguel Ferrer (1914–2005) e o mexicano Francisco Artigas (1916-1999).

Nos parecia, portanto, que a oportunidade seria, por meio de número especial desta revista dedicada à arquitetura moderna, colocá-los lado a lado, como partícipes de uma mesma geração, diminuindo as distâncias geográficas e culturais que os separavam: São Paulo, Roma, Salvador, Porto, Recife. Não se trata de nivelar a importância e o papel que tiveram para a cultura arquitetônica do seu tempo, mas permitir que suas obras fossem vistas por meio de um recorte transversal.

A segunda estratégia foi evitar a reafirmação de obras emblemáticas devidamente consideradas pela historiografia e os aspectos mais óbvios e conhecidos dos arquitetos, de toda sorte que em seu conjunto o material apresentado permitisse desvelar outros Artigas, Linas, Diógenes e Amorins, e assim contribuir para a elasticidade de uma historiografia menos linear e simplificadora.

A edição em tela é composta por duas seções, adequando-se, a um só tempo, à estrutura levada a cabo nos dois primeiros números e aos aspectos expostos anteriormente. Cada uma das partes conta com quatro textos, cada um dedicado a um dos arquitetos. Na primeira parte são discutidos projetos não construídos que eventualmente pudessem trazer à luz estratégias, soluções e decisões menos comuns ou muito específicas e que apontassem na direção de outras camadas interpretativas sobre seus autores. Nesta seção, o valor documental prevalece. Na segunda parte, os textos estão focados no problema da conservação do patrimônio moderno e refletem sobre experiências de intervenção, projetadas ou executadas, em edifícios de autoria de Artigas, Lina, Diógenes e Amorim. Para tal, nos restava uma única saída: convidar um conjunto de autores capazes de realizar esta empreitada que, como pode ser apreciado, ofereceram um resultado significativamente mais complexo e rico do que pudemos vislumbrar.

No primeiro grupo, **Nivaldo Andrade** nos brinda com o artigo Diógenes Rebouças: Tempo, lugar e significado em dois projetos não construídos. No texto, são apresentados e discutidos aspectos da produção mais recente do arquiteto baiano por meio de “dois projetos tardios, pouco conhecidos e não construídos, que foram desenvolvidos nos seus últimos dez anos de vida”: o estudo para um mercado de peixe de 1986 e o estudo inédito, para a ampliação do Campo Santo, já dos anos 1990.

Ruth Verde Zein, em Sombra e água fresca na praia paulistana, elabora uma análise “dos projetos para a reforma das instalações do Clube Santapaula realizados em 1960, por Artigas e Cascaldi, para a “Garagem de Barcos” do clube e se concentra no “Setor Náutico” não elaborado, por meio de um trabalho de exploração do imaginário como reconstituição de potenciais interações entre usuários virtuais e a as intencionalidades do projeto.

O texto Arquiteturas inconclusas de Lina Bo Bardi: Entre a abstração e a mimese, de **Ana Carolina Bierrenbach**, trata de dois projetos de casas datados de 1962 e não concluídos pela arquiteta, mas sobre os quais existe rica documentação: a casa para o engenheiro Figueiredo Ferraz, em São Paulo, e a Casa Circular - esta, sem cliente ou local definidos. A partir dos desenhos e anotações, Bierrenbach desenvolve uma arqueologia de ideias, soluções, conexões e influências dentro da própria obra de Lina e desta com o contexto do seu tempo.

Glauco Campello mergulha na própria memória para analisar o projeto do pavilhão de aulas da recém-criada Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife que, à altura, ocupava uma residência eclética, insuficiente para atender às demandas pedagógicas do curso. O projeto representa momento singular daquela importante instituição de ensino, referência na formação de arquitetos plenamente alinhados aos princípios fundadores da experiência moderna no Brasil, simbolizado pela única parceria entre Delfim Amorim e Glauco Campello e pela contribuição, como estagiário, de Armando de Holanda, personagens de primeira linha da arquitetura da segunda metade do século XX no Brasil.

A seção Projeto dá seguimento à produção dos arquitetos centenários.

Renato Anelli e **Ana Lúcia Cerávolo**, com A Casa de Vidro como espaço expositivo do Instituto Bardi: preservação e ação cultural, trazem uma avaliação retrospectiva das experiências sobre o conjunto de intervenções temporárias para as exposições realizadas desde 2012 no edifício que é sede do Instituto Bardi, em São Paulo, e edifício tombado nas instâncias municipal, estadual e federal.

Intervenção num projeto moderno: o mezanino da FAUFBA é o artigo de **Heliodório Sampaio** sobre seu projeto de “incrustação” de um novo elemento de intervenção no edifício apenas parcialmente concluído da FAUFBA - este sim de autoria de Diógenes Rebouças, em Salvador. O texto é um exercício de autoanálise tanto do fazer arquitetônico em si como da sua relação com as diversas facetas de uma longa biografia profissional.

Luiz Amorim e **Jorge Passos** relatam os esforços para a preservação e o restauro do Edifício Luciano Costa, obra singular no conjunto da obra de Delfim Amorim pela particular abordagem da adequação de edifício eclético, antiga sede de instituição bancária, para abrigar o típico programa moderno de edifício de uso misto.

Em Casa Olga Baeta: “Uma estrutura, digamos, estranha” **Marcio Cotrim** descreve o ciclo de vida da obra, as mudanças de proprietários até a reforma projetada por Angelo Bucci, na qual restabelece a solução estrutural original e não executada por questões técnicas e orçamentárias enfrentadas por Artigas e Cascaldi e pelo casal Baeta na segunda metade dos anos 1950.

Finalmente aproveitamos este editorial para dar boas vindas à Andrea Borde, que se incorporará, a partir do número 4, à Comissão Editorial da revista, substituindo Luiz Amorim, um dos editores fundadores do periódico. Realiza-se deste modo a saudável renovação dos editores responsáveis pela publicação da revista DOCOMOMO Brasil em direção à sua consolidação como periódico de referência.

Boa leitura.

Luiz Amorim (MDU-UFPE)
Marcio Cotrim (PPGAU-UFPB)
Cristiano Nascimento (FUNDAJ)